No termo de Almada: origens e história da Igreja do Monte de Caparica

É já no fim do século XV, quando, em agosto de 1478, os visitadores da Ordem de Santiago visitam as igrejas e ermidas da vila e termo de Almada, que se constata que, além destas ali havia também algumas ermidas públicas no termo, que tinham os seus próprios capelães, eleitos pelo povo dos lugares que as ajudaram a construir. Assim acontecia nos limites da Caparica, com a «Capella Beatae Mariae de Monte in Caparica» edificada pelos moradores dos lugares da Sobreda, Murfacém, Cebolal e Funchal c. 1442, moradores que houveram por intermédio de D. Isabel

Gomes da Silva[48], uma bula ou letra apostólica do papa Sisto IV, dada em Roma a 20 de novembro 1472, para levantarem uma igreja no lugar da sua ermida, onde pudessem ter pia batismal e um capelão eleito por eles, que lhes celebrasse missas nos domingos e dias santos de guarda e lhes desse os sacramentos que se davam nas igrejas paroquiais de Almada, com salvaguarda dos direitos destas (Faria, 1949).

Além da Ermida de Santa Maria do Monte, em 1478 existiam outras filiais em São Pedro de Corroios, Santa Maria de Amora e Santa Maria de Arrentela, no atual concelho do Seixal, ermidas a quem os visitadores concederam o mesmo direito de ter capelão para administração dos sacramentos, eleito pelos moradores daqueles lugares, aprovado pela Ordem e confirmado pelo arcebispo de Lisboa. Estes capelães eram sustentados não pelas dízimas dos seus limites, que continuavam a ser reservadas ao comendador, prior e beneficiados de Almada, mas sim por uma contribuição voluntária dos fazendeiros desses lugares e pelos emolumentos pagos pelos fiéis (pé-de-altar), algo que foi contestado pelos moradores de Caparica, Amora e Arrentela e respetivas confrarias, que além do pé-de-altar, reclamavam também o direito de apresentar o seu capelão e removê-lo às suas vontades, isto sem aprovação prévia da Ordem, direito que foi confirmado, no caso da Caparica, por uma sentença apostólica do papa Alexandre VI, dada em 21 de março de 1493 a favor da Confraria de Santa Maria da Concórdia do Lugar de Caparica, e que as confrarias de Amora e Arrentela vieram também a conseguir, por bulas apostólicas dadas antes de 1527.

Estas bulas e sentenças apostólicas confirmaram assim o estabelecimento das freguesias do termo de Almada como filiais e anexas das igrejas da vila e que, com seus limites e igrejas paroquiais, são referidas nas visitações da Ordem de Santiago do século XVI (1527, 1534, 1553, 1564 e 1570), freguesias que se mantiveram intactas até ao século XVIII, quando a Arrentela se dividiu em três freguesias com sede na Arrentela, Seixal (1734) e Aldeia de Paio Pires (1797/1803), localidades que, com a Amora e Corroios, vieram a constituir o concelho do Seixal em 6 de novembro de 1836.

Deste modo, todas as igrejas paroquiais do atual concelho do Seixal foram filiais das igrejas da vila de Almada. Assim, das antigas freguesias filiais das matrizes de Almada, só a Igreja de Nossa Senhora do Monte de Caparica é que ainda hoje pertence ao concelho de Almada.

Enquanto as antigas igrejas matrizes de Almada têm uma origem medieval, a Igreja de Nossa Senhora do Monte de Caparica (1442-1482) é claramente um edifício de origens modernas já que, ainda que fundado sobre uma antiga igreja e ermida tardo medieval ampliada e reformada nos séculos XVI e XVII, este foi profundamente afetado pelo terramoto de 1 de novembro de 1755, o que obrigou à sua total reconstrução na segunda metade do século XVIII.

De facto, segundo se colhe na petição enviada ao papa Sisto IV por D. Isabel Gomes da Silva, senhora fidalga da Quinta do Castelo Picão que patrocinou a criação da freguesia da Caparica em 1472, fora esta ermida edificada trinta anos antes junto de uma cruz que havia no lugar de Caparica, onde se costumavam sepultar os mortos que não tinham sepultura nas igrejas de Almada, pelos moradores dos lugares de Murfacém, Cebolal e Sobreda, fregueses de Santa Maria do Castelo.

Posteriormente, entre 1472 e 1478, segundo se colhe na visita da Ordem de Santiago, a ermida ou igreja do lugar foi ampliada sendo erigida à custa de vários fidalgos e residentes nos seus limites como João de Ornelas que mandara edificar a capela-mor (ousia) à sua custa, para que se pudesse «lançar em ela ele e mulher e filhos e toda sua geração». Concluídas as obras, aos 24 dias do mês de maio do ano de 1482 foi sagrada por D. Nuno de Aguiar, bispo de Tânger, e que fora prior-mor do Convento de São Vicente de Fora, sendo esta mesma igreja a que, no dizer do cura da Caparica, padre José António da Veiga, se conservou até o ano de 1755.

Desde logo se tornou uma casa de culto de grande devoção, não só pelos moradores da região da Caparica, como também pelos nobres e fidalgos que aqui tinham suas casas de campo e de retiro, assim como pela própria Casa Real já que, segundo se regista na visitação de 1488, entre as «Coisas próprias que foram dadas à dita ermida», havia «um manto de vestimenta de cetim verde que deu a Rainha Nossa Senhora (D. Leonor, mulher de D. João II); Item outro manto velho de seda raso que deu a senhora infante (D. Brites, mãe do futuro rei D. Manuel, senhora da vila de Almada e proprietária de uma quinta na Caparica)» (Flores e Gago, 2013).

Convém a propósito lembrar que um dos principais proprietários da Caparica era João Fogaça, escudeiro do infante D. João (futuro rei D. João II) e comendador de Sesimbra, cujo criado, Fernão Calom, foi o primeiro cura conhecido desta freguesia. A filha de João Fogaça, D. Isabel Fogaça, senhora da Quinta da Torre, era dama da infanta D. Brites, e o filho desta, D. Gonçalo Coutinho, era conselheiro e amigo pessoal do filho de D. Brites, o rei D. Manuel I, cuja irmã, a rainha D. Leonor, era também senhora da vila de Almada, como fora, aliás, sua mãe. Será este D. Gonçalo que c. 1516 deixa a «obrigação de sustentar hua alampada perpetua de Arame com todo o necessario na Capella de nossa Senhora da Concórdia que he orago da Igreja de nossa Senhora do Monte e pera este efeito se há-de dar quatro cântaros de azeite», obrigação a que foi vinculado o Casal de Peres Escacho (ou do Facho) em Caparica..

O terramoto de 1531, que possivelmente terá causado alguns danos à igreja, não modificou ainda assim a sua organização que, quando foi de novo visitada pela Ordem de Santiago em 1553, ainda apresentava a mesma configuração de 1527, com uma capela-mor com o altar principal e dois altares travessos sobre o Cruzeiro, da invocação de São Sebastião e São Brás, e um altar no corpo da igreja, da invocação do Espírito Santo, onde se erigira entretanto uma nova confraria[49].

Apesar de não existirem muitos documentos da época (ainda menos no cartório da Igreja) é possível identificar uma série de obras que foram feitas, sobretudo no seu interior, entre os séculos XVI e XVII, de aqui deixamos resumo.

A capela de São João Baptista, edificada pelo cavaleiro fidalgo da Casa de El-Rei, António Fernandes, conforme se regista numa escritura de obrigação à confraria feita em 16 de dezembro de 1572, onde consta «que hera verdade que elle tinha feyto e istituydo huâ sua capella da avoquaçaõ do bê avêturado saõ Joaõ bautista a qual estava feyta na Jgreja de nossa señora do mõte llimyte de capariqua», e depois de ornado, o altar desta achava-se erigido em 1575, ano em que o arcebispo de Lisboa concedeu licença para nele se dizer missa, por Carta de 27 de maio desse ano[50].

© CMA · Anabela Luís
Capela de São José (antigamente dedicada a São João Baptista) na Igreja de Nossa Senhora do Monte de Caparica

O altar-mor, formado em 1587, na sequência do Concílio de Trento, com a feitura de um novo retábulo, contratado em 3 de janeiro desse ano por Luís de Brito (fidalgo) e Antão Preto (cavaleiro fidalgo), juiz e irmão da Confraria da Senhora do Monte em Caparica[51], netos de Estêvão Zagalo, o primeiro filho de Domingos Zagalo (Correia) e D. Ana de Brito Joanes, e o segundo de Vitório Zagalo e sua segunda mulher Beatriz Pires.

No século XVII o movimento confraternal e piedoso da Caparica erige novas irmandades e altares na igreja de Nossa Senhora do Monte, como os do Santo Nome de Jesus (1616) (Vieira Jr., 1897: 77) e de N. Sr.ª do Rosário (1627), cuja primitiva Confraria de homens negros, já aparece citada nas visitações do prelado do início do século XVII (1603) e teve grandes obras conduzidas pelos confrades e pelo cura padre António Rodrigues das Neves na década de 1620, entre elas um polémico retábulo de Nossa Senhora da Conceição, São Tomás de Aquino e Duns Scoto, encomendado em 1627 e pago pelo dito padre ao pintor Domingos Vieira, o *Escuro* (1600-1678), pintura que sete anos depois (1634) acabou por desaparecer por não se enquadrar nos cânones pós-reformistas.

Em 1675, a grande imagem de Cristo na Via Sacra, o Senhor dos Passos, começou a sair em Procissão entre a Igreja do Monte e a Ermida da Santa Cruz (depois N. Sr.ª do Monte do Carmo) em Murfacém (Mendes, 2013: 230; Mendes e Leal, 2014: 82-83).

Em 1705, o padre Francisco Gil Ribeiro, como testamenteiro do seu tio padre Francisco Gil, manda acabar o retábulo do altar de N. Srª do Cabo em que o dito seu tio defunto dizia missa[52].

O terramoto de 1 de novembro de 1755 arruinou por completo a igreja paroquial, conforme nos relata o cura, padre José António da Veiga, na sua «Relação Topográfica desta Freguesia de Nossa Senhora do Monte de Caparica», manuscrita em 1758 e inserida no âmbito das chamadas Memórias paroquiais, que nos refere que em 1755 se demoliu a igreja, e «a maior parte das Povoações deste lugar de Caparica se arruinaram com o Terramoto, do infausto e sempre memorável dia primeiro de Novembro do dito ano».

A reconstrução da igreja, apesar das grandes esmolas que teve dos muitos fidalgos e moradores nos limites da freguesia, como eram os condes dos Arcos e condes de São Miguel, esteve quase sempre a cargo da Confraria da Concórdia. Esta entre 1756 e 1758, unindo à parte que pôde poupar dos seus rendimentos, as esmolas que pediu aos senhores seus irmãos confrades, os quais, e mais povo, todos devotamente concorreram para a sua fatura. A reconstrução foi relativamente rápida e logo no fim de 1758 já nela se celebravam ofícios divinos, embora a maior parte das paredes ainda se encontrasse em reboco e muitos altares fossem provisórios.

Em 1768, Manuel de Almeida e Silva, como testamenteiro de Luís da Fonseca Ribeiro, por contrato feito em 25 de Setembro, deixa à Confraria da Concórdia duzentos mil reis (200$000) para as obras da igreja e uma imagem de Santa Quitéria que foi colocada num dos altares laterais[53].

Em 1771 conclui-se a edificação da capela de São Sebastião que «era desde tempo imemorial junto da porta travessa da parte da epístola», e que a Confraria da Concórdia «tinha mandado edificar (assim como a outras) várias capelas para seu ornato», sendo lavrado em 17 de Novembro desse ano a escritura de doação da mesma à Confraria do Sr. S. Sebastião[54].

Em 1782 conclui-se a edificação da Capela do Senhor dos Passos, em que a confraria ficou empenhada em 60$000 rs ao pedreiro lisboeta Vicente Ribeiro[55].

Em 1802, segundo Vieira Jr., achava-se concluída a edificação de uma nova torre para o sino, e em 1816 concluiu-se a Casa da Irmandade das Almas, segundo inscrição local.

No século XIX foi reformada a capela-mor da Igreja do Monte, que havia há muito estava em ruínas (1820)[56], sendo registadas outras obras de monta em 1864-1865, em que a paróquia se mudou para a Ermida do Visconde de Porto Covo (Sobreda)[57], e em 1899-1901, que incluíram a instalação do cartório paroquial numa casa que faz parte do edifício da igreja da Nossa Senhora do Monte da Caparica (1899), o conserto, douradura e pintura dos castiçais, tocheiras e lanternas (1900) e outras obras indispensáveis à conservação da mesma (1897-1901) (vide: Mendes, 2015).

Considerações finais

Foi a partir das suas igrejas matrizes e da filial da Caparica, as três com origens medievais, que se formou a rede de espaços religiosos que marcaram o território almadense nos últimos setecentos anos.

O fenómeno religioso expandiu-se sobretudo a partir do século XVI no contexto da Reforma e Contrarreforma. É então que se conhecerá e fundarão várias casas religiosas, como conventos[58] e quintas/hospícios[59], ermidas e irmandades populares[60], mas também uma grande multiplicidade de ermidas[61] e oratórios particulares[62] nas muitas casas e quintas de recreio e retiro que existiam na vila e termo de Almada.

No século XX, com o desenvolvimento urbano do território almadense, muitas destas marcas da religiosidade antiga acabam por desaparecer, dando lugar a novos espaços de culto modernos e contemporâneas como as novas igrejas e capelas da Colónia de Férias «Um Lugar ao Sol» (1942), da Base Naval do Alfeite (1955), do Bairro da Piedade (1952), São José das Quintinhas (1973) e Senhora de Fátima do Lar Granja Luís Rodrigues (1997); o Santuário do Cristo Rei (1959) e as novas igrejas paroquiais da Imaculada Conceição da Charneca (1960-1963), da Senhora da Assunção de Almada (igreja nova, 1969), São José Operário do Feijó (1969-2015), da Costa da Caparica (igreja nova, 1987), Senhora de Fátima no Laranjeiro-Cova da Piedade (1998), Coração de Maria em Vale Figueira (1999), Sagrada Família na Vila Nova (2000) e Senhora do Livramento da Sobreda (2009).

São estas as marcas que o património religioso deixou na memória, história, cultura e identidade do nosso concelho.

48

Esta senhora fidalga, filha legitimada de João Gomes da Silva, copeiro-mor e Senhor de Vagos, e viúva de Pero Gonçalves Malafaia, vedor e conselheiro de D. João I, é mencionada no termo de Almada em 1457, numas partilhas do Padre Pedro de Santa Maria — «assento de casas e pomar com todas as árvores e oliveiras que tem em Caparica a Fonte Santa e partem com Condessa D. Guiomar e pomar e com Isabel Gomes da Silva e terras reguengas acima das ditas Fontes que parte com caminho publico que vai para o porto de Caparica» (ANTT, *Mosteiro de S. Bento de Xabregas*, Livro 3, n. 383) — , e em 1463 no testamento de Fernão Gomes, fundador da Ermida de Santa Antão na Ramalha, numa «vinha minha que é em Caparica (?) que entesta com as casas da quintã de Isabel Gomes da Silva», cf. *Extracto do título, manuscritos, da Quinta de S. João da Ramalha*, 1960. A Quinta de Isabel Gomes da Silva corresponde à antiga quinta e Paço do Castelo Picão, que veio depois a pertencer a uma das suas três filhas, D. Maria da Silva, casada com Álvaro de Ataíde, alcaide de Alvor, e pais de Nuno Fernandes de Ataíde «*o que nunca está quedo*», militar português, capitão de Safim no Norte de África, onde faleceu em 1516, deixando os seus bens de Caparica à viúva, D. Joana de Faria, e esta depois à filha, D. Leonor de Ataíde, mulher D. Diogo de Castro «*o magro*», capitão de Évora, antepassado dos Condes de Basto, dos Condes do Vimioso e dos Marqueses de Valença, que a emprazaram ao Capitão Manuel João Rodrigues Coimbra, e venderam o domínio direto da mesma a Joaquim Pedro Quintela em 1794. A demarcação da propriedade, feita em 1797, regista aqui a existência de uns pardieiros de Mirante com um palácio em ruínas, cf. ANTT, *Morgado do Farrobo*, Tombo 3, fl. 214.

49

ANTT, *Ordem de Santiago / Convento de Palmela*, Liv. 195, fls. 64v-sgs.

50

ADSTB, *3º Cartório Notarial de Almada*, Livros de Notas (de Bernardo Anrulho), Cx. 4834, Liv. 3, fls. 99v-101; AHPL, Ms. 704, fl. 26 & Ms. 702, fl. 8.

51

Index de Notas de vários tabeliães de Lisboa, Tom. IV, Biblioteca Nacional de Lisboa,1949, p. 338.

52

ANTT, *Provedoria de Setúbal*, Mç. 97, doc. 8.

53

ADSTB, *Cartório Notarial de Almada — 1º Ofício*, Livros de Notas (de Elisiário de Lima Barbosa), Cx. 4407, Liv. 133, fls. 124v-127.

54

ADSTB, *Cartório Notarial de Almada — 1º Ofício*, Livros de Notas (de Elisiário de Lima Barbosa), Cx. 4407, Liv. 138, fls. 46-47.

55

AHPL, *Correspondência da Vigararia da Vara de Almada*, doc. s/n.

56

AHPL, *Correspondência da Vigararia da Vara de Almada*, doc. s/n.

57

AHPC, *Irmandade do Santíssimo Sacramento de Caparica*, Livro de atas 1842-1878.

58

Convento da Senhora da Conceição [velho] (PP. Capuchos Arrábidos) (1550), Convento dos Senhora da Piedade [novo] (PP. Capuchos Arrábidos) (1558), Convento de São Paulo de Almada (Frades de S. Domingos) (1569-1573), Convento da Senhora da Rosa [reforma] (PP. Paulistas) (1575-1620), Casa de São Simão (PP. Franciscanos Terceiros) (1585-1595), Recolhimento da Senhora da Piedade (1616) e o Convento da Senhora da Assunção da Sobreda (PP. Grilos / Agostinhos Descalços) (1668).

59

Quinta do Vale do Rosal e a Ermida de São Sebastião e Senhora da Assunção (PP. Companhia) (1558 / 1566 ?), Quinta de Murfacém e a Ermida da Vera Cruz (depois Senhora do Carmo) (PP. Carmo) (1563), Quinta da Torre Velha (Paulina) e a Ermida de São Brás (PP. Paulistas) (1562 / 1632), Hospício de São Domingos e Quinta da Mutela com a sua Ermida Senhora do Rosário (Frades de S. Domingos) (1565), Quinta de Pissolos e a Ermida da Senhora da Graça (PP. Gracianos / Agostinhos Calçados) (séc. XVII), Hospício / Quinta do Porto Brandão e a Ermida da Senhora do Bom Sucesso (PP. Jerónimos) (1716) e a Quinta / Hospício de Pera com a sua Ermida da Senhora do Rosário (PP. Inglesinhos) (c. 1737).

60

São Sebastião no Cabo de Vila (1535), Santa Luzia e Senhora do Bom Sucesso de Cacilhas (1593 / 1696 / 1734), Senhora da Piedade [antiga S. Simão] (1606), Santa Luzia da Rosa (Vila Nova do Funchal) (1607), São Sebastião e Senhora do Livramento da Sobreda (1607 / 1751), Senhora dos Remédios em Murfacém (1619), São João Baptista na Fonte Santa (1668), Senhora do Bom Sucesso do Porto Brandão (1716 / 1856), Senhora do Carmo em Murfacém (1712), Senhora da Saúde (1735), Senhora da Conceição (1751) e São Pedro (1787) na Trafaria, Senhora da Mãe de Deus e dos Homens no Pragal (1763 / 1800) e Senhora da Conceição da Praia da Costa (c. 1780).

61

Conhecemos no Século XVI: Senhora da Piedade / São Tomás da Torre (1497 / 1575), Santo Inácio da Praia da Mutela (1521), Senhora da Ajuda ou dos Remédios de Murfacém (1547), Senhora da Orada ou da Piedade (depois Jesus Maria e José) de Crasto (1553 / 1665), Senhora da Conceição do Portinho (1552 ?), Senhora da Encarnação da Mutela (1579), Senhora da Esperança de Vale Mourelos (1589 / 92), Reis Magos e Senhora do Bom Sucesso na Raposeira (1593/1595) e São Lourenço de Palença (c. 1580-1599 / 1742). No Século XVII: Cebolal (1603), São Pedro do Pragal (1625), Senhora da Boa Viagem ou Nossa Senhora do Porto da Arrábida (1626), Senhora da Conceição da Bica (Ribeiro) (1626), São Marcos da Várzea (Salgado) (1626), São João do Telhal (Funchal) (1631), Senhora do Rosário da Sobreda (Caiado) (1632), Santo António da Sobreda (Zagalos) (1646), Senhora dos Remédios dos Buxos (1652), Santa Bárbara das Costas de Cão (1654), Jesus, Maria e José da Aroeira (1657), São Francisco (depois de Borja) das Quebradas (Vale Mourelos) (1665 / 1780), Senhora da Boa Viagem do Ribeiro (1673), São Bartolomeu do Pinheiro, na Estrada da Banática (1682), Senhora da Piedade na Alagoa, Fontes Santas (1683) e São Miguel da Charneca (1699). No Século XVIII: Senhora da Conceição da Lagoa (Vale de Mourelos), São Miguel do Esparrelo (Vale de Mourelos) (1709), Senhora da Assunção (depois da Estrela) no Areeiro (Casas Velhas) (1711), São Pedro da Paulina de Cima (1715), Santa Ana de Vale Mourelos (a nova) (1718), Senhora do Carmo na Silveira (Genovesa) (1722), Senhora do Vale nos Espadeiros (1722) *, São Gonçalo da Azenha (c. 1723), Nossa Senhora de Lembrança no Vale do Torrão (1723), São João Baptista na Pera do Meio (c. 1723), Santa Quitéria da Lagoa (1724), Senhor do Bonfim e Senhora do Cabo na Regateira (Charneca) (1726), Senhora dos Remédios (depois São João e Senhora da Conceição) na Várgea (Sobreda) (1726), São Luís (depois Senhora de Monserrate) da Charneca (c. 1730 / 1796), Senhora da Conceição na Estrelinha (Vila Nova) (1731), Senhora dos Enfermos ou da Penha de França na Azinhaga do Vale da Sobreda (Guarda-Mor) (1736), Senhora da Conceição do Vale do Tojeiro (São Macário) (1743), Senhora dos Desamparados de Murfacém *ao Montinhoso (Bela Vista) (1743), São* Carlos Borromeu no Areeiro (Lazarim) (c. 1750), Santo Amaro da Estrada dos Álamos (Laranjeiro) (1750), Senhora da Conceição na Trafaria (1751), Senhora do Cabo na Banática (1754), Sagrada Família do Olho de Vidro, ao Pragal (1754), Senhora da Conceição da Margueira (1764), Senhora da Madre de Deus de Buxos (1768), Senhora da Madre de Deus de Pera de Cima (1774), Senhora da Graça, São Jacinto e São Clemente na Graciosa (c. 1780), Senhora da Conceição do Outeiro (1799) e Santo Nome de Jesus na Quinta de Baixo ao Funchalinho (1799). No Século XIX: Senhora da Assunção de Vale Flores (1824) e São Carlos Borromeu da Carcereira (séc. XIX-XX).

62

Existiam na vila e no termo várias casas nobres com casas de oratório em que se celebrava também missa, algumas delas com porta para a rua e abertas ao culto público, e cuja fundação se conhece, como as de Luís de Torres (Arrábida de Cima) (1609), D. Ana de Mendonça e Pero Carvalho de Sousa (Pedreira) (1633), Condes de Assumar e Marqueses de Alorna (1684/1779), Pedro Miguel (Casa da Cerca) (1722/1831) Condes de São Miguel (1723), Plácido Machado e Isabel Maria Antónia (1724), Capitão António Carvalho de Matos, tabelião almadense (Rua Direita) (1739), Cónego Manuel de Paiva Reis (Quinta de São José de Palença de Cima) (1736), Pe. Luis Vicente Velho e o seu irmão Miguel Vicente Velho (1755), Jerónimo Leite de Vasconcelos Pacheco Malheiro (Trafaria) (1755), Dr. Manuel da Silva Leitão (Quinta da Margueira) (1755), Paulino Velho de Sousa, mestre ferreiro (Rua da Mutela) (1757), Pedro da Silveira Correia (Quinta de São Francisco no Areeiro) (1758), Dr. Domingos Pinheiro (Quinta do Pombal) (1758), Infante D. Pedro (Real Quinta do Alfeite) (1758), D. Josefa Bernarda, mulher de António Lopes da Fonseca (Cacilhas) (1760), João O'Neill (Arealva) (1766), Francisco Sales, «Barraqueiro de Sua Magestade», (Travessa do Castelo) (1767), Jacinto Carvalho, mestre tanoeiro (Caramujo) (1771), Manuel Inácio Chaves (Rua da Oliveira, em Cacilhas) (1786), Manuel Ventura da Paz (Ginjal) (1798), Joaquim Manuel Paixão, armador de pescarias (Trafaria) (1800), etc. Em vários oratórios celebraram-se casamentos e baptismos, como aconteceu nos de Manuel de Abreu (Machado) (Vale de Grou) (1646), D. António de Mello Homem (Figueirinhas) (1749), Caetano Vaz Velho (mestre das Cozinhas de Sua Magestade) (Figueirinhas) (1762/1783), D. Manuel Ferreira Gil (Cacilhas) (1768), tabelião António Goes de Sotto Mayor (Rua Direita) (1770), Capitão Bernardo António Lisboa (Quinta de Santo António da Bela Vista) (1777), Capitão Tenente das Armadas Reais Cipriano Pereira da Silva (Quinta dos Pilotos, Vila Nova) (1780), Tomás António da Costa e Mello (Castelo) (1825), Bernarda Maria Ravago Santo Estêvão (São Tiago) (1825), José Joaquim da Silva Chaves (Rua Direita) (1825) e João Luís *Lourenço (Quinta das Farias) (1845). Em 1851, existiam na freguesia de Almada oratórios* particulares no Alfeite, Rua da Oliveira, Arialva, Farias, Olho de Vidro e Bicheiro.